

Acó e Aló

MARIA MANUELA MATOS*

SORAIA ABOO MUIDINE*

(Universidade de Lisboa)

Pretende-se com este artigo apresentar uma proposta de tratamento dos advérbios de lugar *acó* / *acá*, *aló* / *alá*, *aqui* / *ali* e *aí*. O tratamento destas formas passa pela consideração da opinião de alguns autores quanto à etimologia e à evolução em português, considera-se ainda o galego actual e por fim faz-se uma ligeira abordagem semântica.

1. Português antigo

No português antigo, o sistema dos advérbios de lugar era diferente do sistema actual, como se verifica no Quadro I.

Quadro I

ISTE > este	IPSE > esse	ILLE > aquele
*ACCU+HIC > aqui		ILLIC > ali
HIC > hi		
*ACCU+HAC > acá	∅	ILLAC > alá
*ACCU+HOC > acó		ILLOC > aló

1.1. Relação com os demonstrativos

Desde época antiga que os advérbios de lugar se relacionam intimamente com os pronomes demonstrativos e com as pessoas do singular do verbo. Esse relacionamento resulta da forma como o português representa os aspectos espaciais,

* Bolseira do Programa PRAXIS XXI (Mestrado de Linguística Histórica, FLUL).

ou seja, a deixis. Deste modo, ao observarmos o quadro acima, podemos visualizar esta proximidade: o quadro divide-se em três colunas, sendo que cada uma delas é encabeçada por um demonstrativo, que por sua vez corresponde a cada uma das pessoas do verbo. Assim, à primeira pessoa correspondem *este / aqui / acá / acó*, que denotam um objecto próximo da pessoa que fala; à segunda pessoa corresponde *esse*, que denota um objecto próximo da pessoa a quem se fala; à terceira pessoa correspondem *aquêle / ali / alá / aló*, que denotam um objecto não próximo nem da pessoa que fala, nem da pessoa a quem se fala. Estas relações de correspondência são ilustradas nos exemplos seguintes.

1. a. "E dá *acá* todas as cousas *deste* homem que tomasti."
- b. "Eu ti mando eno nome de Jesu Cristo que guarde *esta* entrada e non leixes *acó* entrar homem que no mundo seja."
- c. "Conven, Pedro, que te cales entramente se moores cousas *deste* santo homem ca ouvisti *ata aqui*."
- d. "Muito val ao homem pera fazer vida boa e santa veer os homens santos fazer miragres e vivendo na terra veer a cidade de Jherusalem celestial nos seus cidadãos que conosco viven e fazem ja obras *daqueles* que *aló* som."
- e. "Mais quen seeria ousado de ir ao moesteiro *daquelas* virgêes quando o abade Equicio *hi* non era presente, por santo monge que fosse e, moormente, como iria *alá* hũu homem que novamente veera ao moesteiro e cuja vida os monges non provaron?"
- f. "...non metemdo mentes en como fora santo *aquêle* que *ali* jazia nen na honra que lhe devia fazer." (SILVA)

Não se trata de uma lacuna, o facto de o demonstrativo *esse* não ter qualquer correspondente. Actualmente, o advérbio que ocupa esta posição é *aí*, mas no quadro estamos a representar o português antigo e, nessa época, não existia tal advérbio, nem com a mesma forma, nem com o mesmo comportamento. A forma que temos no quadro é *hi*, que à primeira vista parece ser a forma antiga do actual *aí*, porque pode ser substituída por esta. No entanto, se observarmos mais atentamente os exemplos abaixo, verificamos que o *hi* se relaciona indiferentemente com os demonstrativos e que não tem uma realização idêntica à dos outros advérbios. Isto significa que *hi* é um anafórico, isto é, tem sempre a sua referência presa a um antecedente*.

Os exemplos *g* e *h* mostram a relação com os demonstrativos:

- g. "E assi se partiron do moesteiro cegos e sen dano *daqueles* que *hi* moravan."
- h. "E outrossi quando me trages a *esta* terra contando as vidas santas e honradas *daqueles* que *hi* naceron." (SILVA)

Os exemplos *i* e *j* mostram os antecedentes de *hi*.

- i. "...Johane Lourêço este *strumêto* escriuj. e meu signal *hy* pugi..." (MARTINS)
- j. "...ata que chegou aa *cidade de Luçu*, que he en terra de Galiza. Et desque chegou alo et xe lle juntarõ seus poderes acordouos *hi*, et entrou logo per Asturias de Ovedo..." (LORENZO)

1.2. Etimologia

As formas de base etimológica ACC- vêm precedidas de um asterisco por serem formas conjecturadas, isto é, não estão atestadas. É de pensar que corres-

* Com esta afirmação não queremos negar a possibilidade de haver *hi* com outro tipo de ocorrência, mas estamos a basear-nos apenas nos dados recolhidos e entre estes não demos conta de nenhuma ocorrência de *hi* como deíctico.

pondiam ao latim vulgar, uma vez que a forma do latim clássico é ECCUM.

A forma ECCUM não parece explicar o aparecimento do *a-* nas formas portuguesas daí explorarmos a hipótese de haver uma forma intermédia ACC-, no latim vulgar, que poderá ter tido origem num cruzamento entre ECCU e ATQUE, ou simplesmente em ATQUE (Maurer Jr.).

Não se pode considerar que autores como Nunes, Corominas, M. Pidal, etc., estejam errados quando dão ECCU(M) como étimo. O problema põe-se com a definição de etimologia, ou seja, até que ponto devemos recuar na origem das palavras da língua em causa. Assim, para estes autores a fronteira etimológica é o latim clássico e nem sempre estabelecem o elo de ligação entre aquele e a forma actual. Num estudo diacrónico é fulcral este tipo de informação, o que pode não acontecer com outros trabalhos.

Num dado momento da língua as formas *aqui*, *acá* e *acó* influenciaram a evolução de *ali*, *alá* e *aló* no sentido destas últimas partilharem uma dada característica, que é a vogal inicial *a-*. Isto porque por evolução fonética regular *i-* nunca passaria a *a-*, portanto parece ter havido uma extensão analógica tendo como objectivo a uniformização do sistema dos advérbios de lugar.

Os diversos autores são unânimes quando referem a base etimológica ILL-, mas divergem quanto a uma explicação mais específica a respeito da vogal inicial. Uns, limitam-se a dar o étimo sem nenhuma explicação (C. Figueiredo, Corominas, A. Coelho). A. Magne diz que o *i-* passa a *a-* mas não refere qualquer motivação. Outros há que propõem a inclusão da preposição AD para justificar a vogal inicial (Nunes-1945, M. Pidal).

A forma *hi*, com algumas variantes gráficas (*hj*, *y*, *i*, *hy*), tem como base etimológica, muito provavelmente o resultado da correlação entre HIC e IBI (Corominas). Estas duas formas latinas eram muito próximas semanticamente, e com a passagem do latim para as línguas românicas alteraram-se na sua forma fonética, o que as aproximou ainda mais, tornando difícil a sua distinção. Deste modo *hi* pode significar *este / aqui* (= HIC), ou, *esse / aí* (= IBI).

Sobre este aspecto, também encontramos divergências entre os autores. Por um lado temos Said Ali que dá HI(C) como étimo; por outro lado temos C. Figueiredo que dá IBI.

1.3. Como funciona o sistema

À partida podemos pensar que o sistema é composto por seis elementos (mais um - *hi*). Mas, os exemplos que recolhemos não nos permitem fazer esta afirmação com segurança. Isto porque, se por um lado encontramos exemplos com os pares *acá / alá* e *acó / aló* parece-nos que existia distinção semântica entre eles; mas por outro lado se observarmos os dados globalmente, vemos que há poucas ocorrências destes elementos, em comparação com os restantes. Sendo as ocorrências de *acó / aló* ainda mais reduzidas. É este facto que nos faz pensar que, muito provavelmente, não existia distinção semântica entre estes dois pares. A distinção que estabelecem entre si seria de ordem fonética ou dialectal, e assim estariam em variação livre. Deste modo não teríamos um sistema adverbial com seis elementos, mas com quatro elementos (mais um - *hi*).

- l. "Tu veeste *aqui* e fezeeste gram loucura." (NUNES, 1943)
 m. "Poys que nosso amo Moño Salido et nosos caualeyros auemos perdudos, (ca) conuê que os vingüemos ou que moyramos *aqui* cõ elles. Et, se per ventura nos acaeçer que *aqui* cansemos lidando, alcemonos nos *aqui* a este cabeço que *aqui* esta, ata que descansemos." (LORENZO)
 n. "...et morrerõ y mais de X mill caualleiros..." (*id.*)
 o. "Fala, padre, de quaes quiseres ca prazer grande ei quando me levas a outra terra contando os bêës e as maravilhas dos homens que *hi* viven." (SILVA)
 p. "Alli forom dizer a elrey." (NUNES, 1943)
 q. "...et forõse para Calez et a Sindonia, et ouverõ *alj* outrosi muy grãdes lides conos mouros..." (LORENZO)
 r. "...e cree bem que tu nõ entrarás *acá* ã este parayso terreal..." (NUNES, 1943)
 s. "- Rey Dom Garçia, sal *aca* et partasse per nos esta batalla!" (LORENZO)
 t. "E ell foi *alaa* soo, em çima de seu cauallo..." (NUNES, 1943)
 u. "...e nõ queria consentir que *alã* fosse..." (*id.*)
 v. "Senor, se tu *aco* fosses..." (LORENZO)
 x. "- Corõo ousastes *aco* vijr?" (*id.*)
 y. "E foi-sse pera Castella e *allõ* andou dous ãnos." (NUNES, 1943)
 z. "...aqueles que *aló* uan..." (*id.*)

2. Passagem do latim para as línguas românicas

Na passagem do latim para as línguas românicas estabeleceu-se uma divisão em duas áreas linguísticas: **área conservadora** - *italiano, sardo, catalão, espanhol e português* - onde se mantiveram os três graus de proximidade existentes no latim, facto verificado na evolução dos demonstrativos em português (1.1.); **área inovadora** - *romeno, reto-romano, francês e provençal* - onde se perdeu a distinção anterior e existem apenas dois graus de proximidade, área de que não nos iremos ocupar (LAUSBERG).

Quadro II

este	esse	aquele
aqui	aí	ali
cá		lá

Os três graus de proximidade do latim não foram mantidos unicamente nos demonstrativos, o sistema dos advérbios também faz uso deles, tal como atesta o Quadro II.

2.1. A forma *aí*

Retomamos aqui o que já foi dito atrás, continuando assim a explicação da evolução de *hi*. Esta forma está na base do actual *aí*, mas aconteceram algumas mudanças para se chegar a esta última. Como vimos acima (1.1. e 1.2.) o *hi* que apresentava um comportamento de anafórico, surge como deíctico. E é este o tipo de ocorrências que temos, provavelmente, desde o s. XVI (TEYSSIER). Esta mudança de comportamento sintáctico-semântico foi acompanhada de uma alteração fonética, que consiste na inserção da vogal inicial *a-*, por influência de *aqui* e *ali*.

O, agora advérbio, *aí* passou a ocupar a posição que estava vazia na série em *-i*, estabelecendo um paralelismo directo entre demonstrativos e advérbios: *este / aqui, esse / aí, aquele / ali*.

2.2. Cá / lá

O desaparecimento de *acó / aló* decorreu de uma de duas situações, a saber: ou porque a distinção entre estes e *acá / alá* era quase nula, ou porque as suas ocorrências eram muito reduzidas; de uma forma ou de outra *acá/alá* foram as formas que se impuseram, mas assumindo já uma forma fonética reduzida *cá e lá*. A perda do *a-* inicial pode ser explicada por se tratar de uma vogal átona inicial, logo mais fraca. Mas, se tivermos em conta que *aqui* e *ali* também têm as mesmas vogais, nos mesmos contextos, percebemos que a evolução não terá sido regular. Tratou-se assim de uma evolução particular que afectou apenas estas duas formas, talvez para se distanciarem ainda mais dos advérbios da série em *-i*.

2.3. Aspectos semânticos

A nível semântico não temos uma correspondência tão directa entre *aqui / cá* e *ali / lá*. À primeira vista quando os ouvimos ou utilizamos, parece-nos que os usamos indistintamente - *Vem cá / Vem aqui*. Após uma pequena reflexão sobre as frases que produzimos, verificamos que não é o que acontece. Assim, quando usamos *aqui*, normalmente, queremos referir-nos a um espaço mais delimitado (pontual) e próximo do interlocutor. Quando usamos *cá* também estabelecemos a mesma relação de proximidade, mas este tem um sentido mais abrangente, delimitando um espaço maior (não pontual). Exemplo disto foi a situação de diálogo por nós produzida aquando da realização deste artigo:

- Trabalhamos amanhã *cá* na Faculdade?
- Sim, trabalhamos.
- *Aqui* no gabinete ou na biblioteca?
- *Aqui* no gabinete.

Quanto ao uso de *ali / lá* observamos o mesmo tipo de comportamento. Apesar de ambos denotarem distância, o *ali* denota algo que está a uma distância passível de observação, que é, normalmente, acompanhada de um gesto indicativo do objecto. Pelo contrário, a *lá* damos um uso diferente, simplesmente porque se relaciona com um objecto que não está ao alcance da visão. Por exemplo:

- O livro está *ali* em cima da mesa, não vês?
- A Ana está *lá* na sala, vai ter com ela.

Por fim temos *ai*, que não tem correspondente na segunda série de advérbios. Isto deve-se, possivelmente, à divisão do espaço que, por um lado está dividido em três partes - *aqui / aí / ali*; e por outro está dividido em duas partes - *cá / lá*, por estes serem mais extensivos, logo abrangendo um espaço mais alargado, o que não permite a existência de um terceiro elemento entre eles.

Devemos ainda referir que *aí* é atribuído à pessoa a quem se fala, ou seja à segunda pessoa do verbo, e corresponde ao espaço por ela delimitado.

- Joana dá-me esse livro *aí* da estante.

3. Sistema do galego

Quadro III

aquí	ai	ali
acó	-	aló
acá	-	alá

O quadro acima é baseado em Álvarez. Este representa os advérbios de lugar usados no galego actual. A série em *-í* é usada em toda a Galiza, mas não acontece o mesmo com as restantes séries. Assim, a série em *-ó* é usada no Norte da Galiza - Lugo e Coruña; a série em *-á* é usada no Sul - Ourense e Pontevedra. São estas províncias que fazem fronteira com Portugal e usam as mesmas formas que o português, ou melhor, as formas que se impuseram. Ao observarmos os exemplos abaixo verificamos que têm a mesma distribuição que no português.

- 3.a. "Ven *acó*."
- b. "Vai *aló*."
- c. "Alá non ai tanta froita coma *acá*."
- d. "Non me deixes *aquí*."
- e. "Non te movas de *ai*."
- f. "Na beira de *aquí* do río."
- g. "Viñan para *ai* tódolos domingos, pero xa non veñen."
- h. "Alí está a Sabela."
- i. "Vino ir para *alí*."

No Quadro III temos a representação de sete elementos, como já vimos, os pares *acó* / *aló* e *acá* / *alá* têm um uso dialectal, os restantes têm um uso generalizado. Ao contrário do português, sobreviveram as duas séries (*-ó* e *-á*), o que nos pode indicar que desde sempre existiu uma selecção geográfica. Assim teríamos desde época antiga um conjunto de quatro elementos (mais um - *hi*). Mas também poderíamos pensar que num dado momento coexistiram os seis elementos, e que só depois se deu a selecção geográfica.

4. Referências temporais

Até agora só demos exemplos em que os advérbios têm uma distribuição espacial, mas encontramos, já em época antiga, ocorrências com distribuição temporal.

- 4.a. "...ficou des entõçe *a/c/a* este nume França..."
- b. "...des mil anos a *aco*..."
- c. "Et des *ali* adeante foy metudo ena nomjna dos boos."
- d. "...e des *aqui* adeante damos a uos anbos... por quites..." (LORENZO)

Não encontramos exemplos dos outros advérbios, o que não significa que não existam. Se actualmente podemos encontrar com facilidade, no discurso diário, ocorrências temporais para todos os advérbios, talvez em época antiga acontecesse o mesmo. Os exemplos que se seguem referem-se ao português actual.

- e. "De então até *aqui*..."
- e'. "Daqui para a frente / Daqui em diante..."
- f. "De então para *cá*..."
- f'. "?De *cá* até *lá*..."

- g. "De então até aí..."
 g'. "De aí em diante..."
 h. "De então até ali..."
 h'. "Dali em diante..."
 i. "De lá até aqui..."
 i'. "De aqui até lá..."

As frases de e a i denotam um intervalo de tempo no passado: g e h denotam um intervalo de tempo do passado no passado; e, f e i denotam um intervalo de tempo no passado que se pode estender até ao presente.

As frases de e', f' e i' denotam um intervalo de tempo no futuro que parte do presente.

As frases g' e h' denotam um intervalo de tempo que começa no passado, mas que pode terminar quer no passado, no presente ou no futuro.

Perante este tipo de ocorrências temporais porquê continuarmos a chamar-lhes somente *advérbios de lugar*?

BIBLIOGRAFIA

- ALVAREZ, Rosario *et al.*, (1994), *Gramática Galega*, 5ª ed., Editorial Galaxia, Vigo
- COELHO, Adolpho, (s. d.), *Diccionario Manual Etymologico da Lingua Portuguesa*, Lisboa
- COROMINAS, Joan & PASCUAL, José A., (1980), *Diccionario Crítico e Etimológico Castellano e Hispánico*, Editorial Gredos, Madrid
- FIGUEIREDO, Cândido, (1899), *Novo Diccionario da Língua Portuguesa*, Liv. Editora Tavares Cardoso & Irmão, Lisboa
- LAUSBERG, Heinrich, (1974), *Linguística Românica*, Edições Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- LORENZO, Ramón, (1975), *La Traducción Gallega de la Cronica General y de la Cronica de Castilla*, Instituto de Estudios Orensanos «Padre Feijoo», Orense
- MAGNE, Augusto, (1950), *Dicionário da Língua Portuguesa*, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro
- MARTINS, Ana Maria, (1994), *Clíticos na História do Português - Apêndice Documental (Documentos notariais dos séculos XIII a XVI do Arquivo Nacional da Torre do Tombo)*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Lisboa
- MAURER JR., Theodoro Henrique, (1959), *Gramática do Latim Vulgar*, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro
- MENENDEZ PIDAL, Ramón, (1941), *Manual de Gramática Histórica Española*, 6ª ed., Espasa - Calpe, S.A., Madrid
- NUNES, José Joaquim, (1943), *Crestomatia Arcaica*, 5ª ed., Livraria Clássica Editora, Lisboa
- (1945), *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, 3ª ed., Liv. Clássica Editora, Lisboa
- SAID ALI, Manuel, (1964), *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 3ª ed., Edições Melhoramentos, São Paulo
- SILVA, Rosa Virginia Mattos e, (1989), *Estruturas Trecentistas - Elementos para uma gramática do Português Arcaico*, 1ª ed., Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa
- TEYSSIER, Paul, (1990), *Etudes de Littérature et de Linguistique*, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, Paris